

Coisas que Incomodam...

J. Roberto Whitaker Penteadó

Para desobedecer a gramática, é preciso aprendê-la. - Robert Graves, poeta inglês

Talvez nunca se tenha falado, escrito e lido tanto o português quanto agora. Somos muito mais pessoas, nos países de fala lusitana, e mais escolarizadas. Paradoxalmente, é possível que nunca se tenha tão mal falado e escrito a nossa língua, principalmente nos vários meios de comunicação de que dispomos. E eu faço parte dos que acham que quem mal escreve e mal fala, também pensa mal. Vejamos alguns exemplos...

O Estado de S. Paulo de quarta-feira passada ostentava, na página A8, em letras bem grandes, a manchete "Requião quer tradução em propagandas". O uso do substantivo feminino propaganda no plural embora não possa ser considerado como erro, em sentido estrito - denota se o usuário da expressão entende ou não alguma coisa a respeito de propaganda. O redator do jornal certamente não entende, ou quer fazer parecer que não entende. Publicitários e especialistas no assunto - tais como professores não costumam cometer este erro. A palavra origina-se no gerúndio do verbo latim propagare e, como designa a própria atividade de propagar, divulgar, não deve ser usada com um S no seu final, sob risco de redundância.

Para designar o coletivo das peças que se constituem em uma campanha de propaganda, podemos falar de mensagens publicitárias, anúncios, peças, ou individualmente dos filmes, cartazes, faixas, banners e outros objetos concretos que a compõem. Mas não "propagandas". Dá dor de barriga.

Um outro exemplo de impropriedade que me incomoda é o uso indiscriminado do adjetivo efetivo. Novamente, aqui, não se trata de erro grosseiro, já que está nos dicionários que efetivo é algo que produz um efeito. Só que muitas pessoas usam o termo efetivo sob a influência da palavra inglesa effective - e tendem a usar este adjetivo no sentido de que o efeito produzido tenha sido bom o que não é necessariamente verdade. Algo "efetivo" pode ter produzido um efeito desastroso. O português tem uma outra palavra, aparentada, que expressa com absoluta correção a qualidade de produzir, em condições normais e sem carecer de outro auxílio, o determinado (bom) efeito que se quer obter: trata-se de eficaz. Faça a experiência: programe no seu processador de texto a busca pela palavra efetivo (ou efetiva) em qualquer texto midiático e veja se não consegue substituir a maioria delas por eficaz; com a vantagem de que não a precisa flexionar por gênero...

Outro diabinho semântico que assombra nossa fala e escrita cotidianas é o tal do faz sentido. O vilão da história é, de novo, o idioma inglês, com o make sense. Só que onde americanos e ingleses só têm uma palavra, nós possuímos duas: senso e sentido. E esta, no sentido (perdão) de um encadeamento coerente de coisas ou fatos, razão de ser, lógica, cabimento, não se "faz". Dá-se sentido a alguma coisa; ou a coisa tem sentido. Não é muito melhor, mais preciso e mais bonito?

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=0&ID=534>>. **Acesso em:** 22 jul. 2009.